



CARTOGRAFIA DAS CONTROVÉRSIAS: a polarização do debate sobre o futuro do Minhocão

LÓPEZ, Gabriela R.; gabrielalopez@usp.br; IAU-USP

1 Introdução

Desde a redemocratização do país, quase todos os mandatos na administração pública tiveram algum tipo de envolvimento com o Elevado João Goulart¹ - por meio de projetos de renovação urbana², através da ampliação dos horários de interdição do tráfego de veículos e instalação de telas de proteção para pedestres, da abertura de concurso público³ para propostas urbanísticas, da elaboração de projetos de lei etc. Dessa forma, o Minhocão insere-se de forma emblemática nesses processos de retomada do centro da cidade.

O programa de mobilidade urbana da gestão de Fernando Haddad (2013-2016) incentivou a ocupação de espaços públicos da cidade e o protagonismo do transporte coletivo, do pedestre e das bicicletas em detrimento dos automóveis. Neste contexto, o horário de restrição ao tráfego de veículos no Minhocão foi estendido aos sábados a partir das 15h, e definiu-se por meio do art. 375 do Plano Diretor Estratégico (PDE) que uma lei específica deveria determinar prazos para desativação gradual da estrutura como via de tráfego e para sua demolição ou transformação em parque (SÃO PAULO, 2014).

Paralelo a isso, na última década, o Minhocão foi alvo de diversas apropriações urbanas, impulsionadas pela onda de insatisfação e manifestações políticas que eclodiram em escala global em contraposição aos processos de globalização neoliberal – como, por exemplo, o Movimento *Occupy Wall Street* em Nova Iorque (2011) e o *15M* na Espanha. No contexto brasileiro, as Jornadas de Junho de 2013 estimularam a entrada de novos agentes urbanos – grupo de jovens, ativistas e produtores culturais – a ocuparem as

¹ Uma das obras mais polêmicas já realizadas na cidade de São Paulo, popularmente conhecido por Minhocão, a estrutura foi inaugurada em janeiro de 1971 pelo prefeito biônico Paulo Maluf, no período da ditadura militar brasileira (1964-1985). A via expressa elevada foi concebida como parte do sistema viário estrutural responsável pela ligação das zonas Leste-Oeste da cidade que cruzaria a região central pelo alto, instalando-se sobre duas vias radiais – Avenidas São João e General Olímpio da Silveira – e um trecho da Rua Amaral Gurgel.

² O prefeito Kassab, em 2010, anunciou um plano de revitalização da região da linha férrea que liga a Lapa ao Brás, a Operação Urbana Lapa-Brás. O plano previa a transformação da linha férrea de 12 km de extensão em trilhos subterrâneos e a criação de um parque público e avenida na superfície como alternativa para conectar as regiões leste e oeste, e também previa a demolição ou desmonte do Elevado e a revitalização das áreas adjacentes.

³ O viaduto foi tema na segunda edição do Prêmio Prestes Maia de Urbanismo, em 2006, promovido pela Prefeitura.

ruas da cidade de São Paulo em um imbricamento de práticas culturais e ativismo urbano (YAMASHITA, 2019), propondo usos pouco habituais para esses espaços. A retórica política do direito à cidade foi combinada a práticas culturais e de lazer nas quais “seus protagonistas reivindicavam a cidade e as ruas ao mesmo tempo em que se lançavam em performances sobre elas” (YAMASHITA, 2019, p. 33).

A possibilidade concreta de transformação da paisagem urbana em questão, estabelecida no PDE, mobilizou a opinião pública e de especialistas em torno do debate sobre o futuro do Elevado e incentivou o surgimento de organizações da sociedade civil, como a Associação Parque Minhocão (APM) em 2013, o Movimento Desmonte do Minhocão (MDM) em 2015, em resposta ao Projeto de Lei 10/2014 que tramitava na Câmara de Vereadores e instituía o Parque Municipal do Minhocão, entre outras de menor expressão.

Esse acirramento da disputa pelo futuro do Minhocão, que orbita no âmbito das práticas sociais e da administração pública, além de desencadear mudanças significativas quanto aos novos sentidos simbólicos dados à estrutura no imaginário da cidade, têm intensificado a produção imobiliária, nos últimos anos, no entorno imediato do viaduto, principalmente nas porções mais próximas da região central (OTERO, 2020). Além disso, essa confluência de agentes, discursos, articulações e mudanças socioespaciais permite que o Minhocão se apresente como local privilegiado para refletir sobre os fenômenos urbanos contemporâneos e seja objeto de investigação de diversas pesquisas acadêmicas em estudos urbanos⁴.

Partindo da observação deste fenômeno urbano, o presente projeto de pesquisa opta por um caminho *alternativo*⁵ com forte compromisso empirista, pautado por proposições da Teoria Ator-Rede (TAR), a fim de responder a seguinte questão: em que medida as posições dicotômicas sobre o futuro do Minhocão, além de proporem conformações espaciais distintas, disputam de fato imaginários e discursos sobre a produção da cidade e/ou ofuscam a discussão e o enfrentamento de problemas concretos da região central da cidade de São Paulo – mobilidade, moradia, regulação da valorização imobiliária etc. - e legitimam a lógica de segregação socioespacial encabeçada pelos agentes privados?

2 Objetivos

O objetivo central consiste em analisar os agenciamentos espaciais e sociais produzidos pelas redes sociotécnicas que sustentam o debate polarizado sobre o futuro do

⁴ Destacam-se dois trabalhos recentes realizados em cursos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: a dissertação de Guido Otero, “*Às margens do Elevado: a produção do espaço no Minhocão entre o virtual e o concreto*” (2020), investigou a produção do espaço recente no entorno do Minhocão e sua relação com as leis, planos e projetos promulgados pela administração pública ao longo do século XXI que visam a transformação da estrutura, e a tese de Kelly Yamashita, “[*Minhocão*] *via de práticas culturais e ativismo urbano*” (2019), que investigou a entrada em cena de novos agentes urbanos - maioria jovens ligados à produção cultural - no contexto da última década, interessados em propor modos alternativos de “fazer a cidade”, através de apropriações urbanas do Elevado João Goulart.

⁵ No contexto da produção acadêmica brasileira, o espectro de trabalhos que se utilizam da Teoria Ator-Rede para compreender o espaço urbano ainda é limitado, principalmente no âmbito das áreas de Arquitetura e Urbanismo, sendo a maior parte concentrada dentro das áreas de Sociologia e Antropologia (SANTOS; BIZZOTTO; NASCIMENTO, 2015).

Minhocão, identificando nuances, convergências e divergências que existem entre essas posições na conformação de imaginários e discursos sobre a cidade de São Paulo, e seus engendramentos com os processos concretos de produção da cidade.

- Investigar as sucessivas ações que têm se desdobrado em torno desse debate desde as mobilizações que ocorreram a partir da aprovação do PDE de 2014, a fim de ampliar a compreensão sobre os atores-redes (humanos e não humanos) envolvidos, suas relações, agenciamentos e formações de grupos;
- Analisar os quadros de referências, interesses, horizontes de desejo, ideologias associados aos discursos e imaginários de cidade que têm sido construídos sobre a transformação do Minhocão, para refletir sobre quem pensa a cidade atualmente, qual é a cidade que se quer produzir e para quem;
- Produzir diagramas que tragam para o primeiro plano não só as relações que sustentam as narrativas hegemônicas, mas os dissensos e pontos cegos envolvidos na disputa pelo Minhocão.

3 Abordagem da pesquisa

A pesquisa se trata de um estudo transversal, descritivo-exploratório de natureza qualitativa, e baseia-se no método da **Cartografia das Controvérsias** (VENTURINI, 2010; 2012). A TAR propõe uma abordagem *relacional* sobre os fenômenos estudados; recomenda que o pesquisador se ‘alimente de controvérsias’ para apreender o mundo social, (LATOIR, 2012) e atente-se às realidades heterogêneas que o compõem.

O conceito de cartografia da TAR dialoga com o conceito de mapa proposto na obra “*Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*” (1995), em que este é visto como “um agenciamento em processo” (SPERLING, 2016. p. 83), claramente divergente da concepção de mapa estabelecida nos moldes geográficos tradicionais, como representação neutra da realidade, um decalque, com limites pré-definidos e fechada em si mesma. Segundo os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari:

Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. [...] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza. [...] Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre “ao mesmo”. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida “competência” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Na filosofia dos *Mil Platôs*, o mapa - um dos princípios que articulam a noção de *rizoma* - é entendido como uma construção embasada na experiência, um ato de performance, um movimento constante de transformações, com múltiplas entradas. Não remete a um estado de coisas estático, mas a um constante devir. Para Latour (2012), cartografar significa rastrear a extensa trama espessa e heterogênea, ou seja, os atores-redes, que compõe o mundo social a partir de suas controvérsias, enquanto um estado de coisas que ainda não se encontra estável e agregado, em função dos dissensos, disputas e instabilidades da rede em contínua transformação. A TAR pressupõe que a cartografia dos atores-redes sustente uma capacidade generativa, onde os diversos trajetos expostos possam vir a ser recalculados de modo a desencadear mudanças substanciais na rede. Portanto, faz-se necessário ampliar o número de atores envolvidos nos

fenômenos estudados, para que também haja “um aumento no número de contingências e pontos de intervenção potencial, aumentando assim as oportunidades de ação” (BENDER, 2010, p. 305-306, tradução nossa).

À luz do paradigma pós-estruturalista, pretende-se apreender o fenômeno urbano a partir de sua complexidade, no sentido de suas “coexistências e simultaneidades [...] na forma do excesso que domina a realidade contemporânea” (SPERLING, 2016, p. 80), e de sua interação, focando nas cadeias de relações sociotécnicas que o compõe ao reproduzirem assimetrias na distribuição de recursos, de poder e de capacidades de agência, tendo em vista o caráter sempre transitório, aberto a rupturas e redefinições dessas redes. Dessa forma, o debate sobre o futuro do Minhocão não será entendido por meio de uma totalidade ou sistema, mas a partir do seu caráter heterogêneo e dinâmico, composto por agenciamentos entre sujeitos, objetos, documentos, conceitos, técnicas, imaginários, eventos e territórios.

4 Resultados e discussões

A pesquisa encontra-se em andamento, contudo, pretende-se analisar as informações coletadas a partir da composição de um “atlas” (VENTURINI, 2012, p. 9) das controvérsias referentes ao objeto estudado. Serão produzidas seis cartografias⁶:

- **Glossário de elementos não controversos:** base de noções compartilhadas;
- **Árvore do desacordo:** estruturas ramificadas mostrando o posicionamento dos atores;
- **Escala de controvérsias:** compostas por subcontrovérsias e supercontrovérsias;
- **Diagrama de atores-redes:** cada ator pode ser decomposto em uma rede e que toda rede pode ser conectada com força suficiente para se tornar um único ator;
- **Cronologia da disputa:** desdobramento das controvérsias ao longo do tempo, a partir das principais ações identificadas;
- **Mesa dos cosmos:** representação de todos os envolvidos em uma controvérsia mostrando as divergências e sobreposições dos imaginários e discursos. O cosmos não se limita às afirmações, ações e relações, mas estende-se ao significado que os atores atribuem a elas.

A composição do *atlas* do debate sobre o futuro do Minhocão buscará rastrear as relações que se estabelecem entre os discursos/imaginários e a prática, entretanto, não há uma pretensão de totalidade ou consenso nas cartografias produzidas. Entendendo a prática cartográfica enquanto prática político-crítica para compreensão da realidade, a maneira como as informações serão especializadas traduzirá a forma como interpretou-se a disputa do Minhocão. A cartografia, portanto, será a ‘base para’ e a ‘representação’ da reflexão sobre as nuances, convergências e divergências nos agenciamentos espaciais e sociais presentes no fenômeno estudado, em um processo que se “retroalimenta”.

⁶ A princípio serão seguidas as recomendações de Venturini (2012) para a composição do atlas, entretanto, poderão sofrer alterações de acordo com o desenvolvimento da pesquisa.

Dessa forma, acredita-se que além de trazer resultados a partir de outra abordagem para o caso do Minhocão, a relevância acadêmica e social da pesquisa está em contribuir para a ampliação de estudos em Arquitetura e Urbanismo que se apropriam de novas formas de apreender fenômenos urbanos contemporâneos e para reflexão das potencialidades e limites da cartografia enquanto dispositivo tecnopolítico de espacialização da informação – tanto “como ferramenta de representação, como de imaginação coletiva e proposição territorial” (LOPES; RENA; SÁ, 2019, p.5). No cenário político atual brasileiro de crescente polarização, intolerância e crise dos valores democráticos, ampliar as vozes no debate público parece ser uma tarefa bastante necessária, e no contexto do fenômeno estudado pela pesquisa permite trazer para o primeiro plano os dissensos, questionando narrativas hegemônicas e corroborando para leituras outras desse território e reflexões sobre os imaginários de cidade que têm sido produzidos, quem pensa a cidade e para quem ela é pensada.

5 Referências

BENDER, T. Postscript Reassembling the city: networks and urban imaginaries. In: **Urban assemblages: how actor-network theory changes urban studies**, 1 ed. Nova York: Routledge, 2010, p. 303 – 323.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: _____. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, cap. 1, p. 10 - 36.

LATOURETTE, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LOPES, M. S. B.; RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma. **VIRUS**, São Carlos, n. 19, 2019. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=6&lang=pt>. Acesso em: 29 Set. 2020.

OTERO, G. **Às margens do Elevado**: a produção do espaço no entorno do Minhocão entre o virtual e o concreto. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTOS, C. R. A.; BIZZOTTO, L. M.; NASCIMENTO, J. C. Reagregando o espaço: alcances da teoria ator-rede nos estudos urbanos. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2015, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Anais ENANPUR, 2015. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/issue/view/5>. Acessado em: 28 ago. 2019.

SÃO PAULO. LEI Nº 16.050, de 31 de julho de 2014. Dispõe sobre Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo. **Diário Oficial [da] cidade de São Paulo**, ano 59, n. 140, 1º ago. 2014. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/PDE-Suplemento-DOC/PDE_SUPLEMENTO-DOC.pdf Acesso em: 10 out. 2020.

SPERLING, D. Você (não) está aqui: convergências no campo ampliado das práticas cartográficas. **Revista Indisciplinar**, Belo Horizonte, n.2, v.2, 2016, p. 77 - 92.

VENTURINI, T. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, vol. 21, n. 7, 2012, p. 1 - 17.

_____. Diving in Magma: how to explore controversies with Actor-Network. Theory. **Public Understanding of Science**, vol. 19, n. 3, 2010, p. 1 - 16.’

YAMASHITA, K. **[Minhocão] via de práticas culturais e ativismo urbano**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2019.